

# TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM ANTROPOLOGIA

## Usos, consumos e produção de podcasts



TECHNOLOGY, EDUCATION, AND DISSEMINATION OF  
ACADEMIC KNOWLEDGE IN ANTHROPOLOGY  
Uses, consumption and the production of podcasts

Carolina Parreiras

Universidade Estadual de Campinas

Departamento de Antropologia | Campinas, Brasil

carolparreiras@gmail.com | ORCID iD: 0000-0001-9741-4776

Paula Lacerda

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Departamento de Antropologia | Rio de Janeiro, Brasil

lacerdapaula@gmail.com | ORCID iD: 0000-0003-2938-8136

### Resumo

Com a pandemia da Covid-19, as relações mediadas pela internet e pelos artefatos tecnológicos ganharam ainda mais espaço tanto no cotidiano de milhões de pessoas ao redor do mundo, quanto nas práticas educacionais. Nesse contexto, os processos de ensino-aprendizagem, em seus diferentes níveis, foram diretamente afetados. Esse artigo parte da experiência de produção, montagem e divulgação do *Campo: um podcast de Antropologia* como forma de disparar um debate sobre as potencialidades das tecnologias e especificamente do formato podcast para a educação, levando em consideração também os desafios e os pontos de entrave a serem enfrentados.

### Palavras-chave

Podcast, Tecnologia, Experimentação, Educação, Divulgação científica.

### Abstract

With the Covid-19 pandemic, the relations mediated by the Internet and technological devices gained even more space both in the everyday life of millions of people around the world and in educational practices. In this context, teaching-learning processes at different levels were directly affected. This article is based on the experience of producing, editing and disseminating *Campo: um podcast de Antropologia*, as a way of triggering debates about the potential of technologies and specifically podcasts for education, also taking into account the challenges and obstacles in this process.

### Keywords

Podcast, Technology, Experimentation, Education, Scientific communication.

## Apresentação<sup>1</sup>

Com a pandemia da Covid-19, as relações mediadas pela internet e pelos artefatos tecnológicos ganharam ainda mais espaço tanto no cotidiano de milhões de pessoas ao redor do mundo, quanto nas práticas educacionais que envolvem um grande número de pessoas, superando o quantitativo, já expressivo, de professoras/es e estudantes. Nesse sentido, muito tem sido dito e analisado a respeito da relação entre uso de dispositivos tecnológicos, redes de conexão, aplicativos e interfaces digitais<sup>2</sup>, inclusive sobre os efeitos na educação. Experiências que vêm sendo chamadas de “virtualização”<sup>3</sup>, “digitalização” e “migração para formas remotas” passam a habitar nosso cotidiano, chamando atenção para o papel da tecnologia e ressaltando processos, já em curso no momento pré-pandêmico, de incorporação da internet e das tecnologias em nossas vidas (Hine 2015).

Os processos de ensino-aprendizagem, em seus diferentes níveis, foram diretamente afetados, o que se expressa na discussão sobre educação à distância/ensino remoto como também nos debates sobre processos de desigualdade relativos à tecnologia e ao letramento digital (Parreiras e Macedo 2020).

---

<sup>1</sup> As reflexões aqui apresentadas, como também o podcast em si, não teriam sido possíveis sem a contribuição de nossas amigas que apoiaram, de diferentes formas, nosso projeto. Nosso muito obrigada a Fabiene Gama, Tatiana Altberg, Matheus França, Dani Minuzzo, Luiza Nasciutti, Ana Carolina Azevedo, Debora Cajé, Cissa Khatar, Twig Lopes, Milena Lacerda, Rita Santos, Ângela Facundo, Andrea Lacombe, Juliana Valente, Telma Bemerguy, Guzel Oktyabreva da Silva, Hyldalice de Andrade, estudantes da disciplina Gênero, Estado e Processos de Subjetivação e a todos os colegas da *rádio kere-kere*, em especial, Thiago Oliveira.

<sup>2</sup> Utilizamos digital, seguindo a inspiração de Miller e Horst (2012), como termo que delimita práticas, processos, relações, fluxos que recaem no binário 0 e 1. Assim como os autores, também refutamos dicotomias como online e offline, digital e analógico, propondo, ao contrário, pensar em seus deslizamentos e atravessamentos. Dessa forma, as relações mediadas pela tecnologia não são radicalmente diferentes das tantas outras formas de interação estudadas pela Antropologia.

<sup>3</sup> Os termos elencados aparecem no senso comum e nas interações cotidianas. No caso de virtualização, há a referência ao clássico debate dos Internet Studies a respeito de real e virtual. Como vem sendo demonstrado por diferentes autores (Hine 2015; Miller e Slater, 2004; Parreiras 2008, 2015; Miller e Horst 2012), virtual deve ser tomado como categoria êmica e não como termo analítico, já que remeteria a uma separação imaginada do mundo entre real e virtual (o que, em última instância, sugere que o virtual seria menos real por ser mediado pela tecnologia). Neste artigo, faremos uso dos termos online, digital e formas remotas de interação.

Para além dessas questões mais amplas, algo marcante no último ano foi a necessidade de repensar as próprias formas de ensino, de modo a adequá-las à suspensão de atividades presenciais. Lives/webinars, ambientes digitais de aprendizagem, comunicadores por videochamada, uso das redes sociais<sup>4</sup> e podcasts foram algumas das estratégias adotadas, com a utilização, normalmente combinada, de diferentes plataformas, sites, aplicativos, softwares e dispositivos - que servem a variados fins e geram um fluxo constante de relações e de perambulações digitais e analógicas. Passou a ser também corriqueiro ouvir afirmações como “no brasil, tudo vira *live*” (Parreiras e Valente 2020), cansaço do zoom (Nadler 2020), “abre/fecha a câmera”, “fecha o som”, traduzidos em memes e intermináveis desabafos (também eles) digitais, que apontam para o quanto o uso dos artefatos tecnológicos é um problema social relevante para a análise.

Assim, este artigo, partindo de uma perspectiva interessada no entendimento dos usos das tecnologias e da internet, toma como foco de análise o processo, desencadeado pela pandemia, de produção, montagem e divulgação de um podcast educativo e de divulgação científica, a fim tanto de refletir sobre os seus significados, mas também para disparar um debate sobre as potencialidades das tecnologias e especificamente do formato podcast para a educação. O podcast em questão é o *Campo: um podcast de antropologia*, realizado pelas autoras deste texto. Dessa forma, este artigo é, em alguma medida, um exercício autorreflexivo que aborda a descrição do processo de realização do podcast e as nossas perspectivas mais amplas sobre a relação complexa entre tecnologia e educação.

---

<sup>4</sup> Para os propósitos deste artigo, tomamos "redes sociais" como um termo que demarca plataformas que permitem formas de sociabilidade, comunicação e informação online que se baseiam em adicionar/ser adicionado como amigo/a (Facebook) ou seguir/ser seguido (Instagram e Twitter). O termo, no entanto, é amplo e poderia, em última instância, se referir a qualquer tipo de relação estabelecida com o uso das tecnologias. Mídia social é um termo usado corriqueiramente como sinônimo dessas plataformas, mas como alerta boyd (2015), deveríamos pensar na *social media* como um fenômeno enraizado nas possibilidades técnicas advindas da explosão da bolha.com e do advento da chamada web 2.0. De forma geral, mídia social engloba uma gama de relações que envolvem “ferramentas, práticas e ideologias” (boyd 2015: 1), cada vez mais “entrelaçada ao capitalismo neoliberal e à vigilância de dados” e que gera sentimentos simultaneamente de “excitação e horror”.

Esse texto poderia ser definido, talvez, para manter a linguagem da internet, como uma versão beta: “incompleta, processual, coletivamente construída, relacional” (Preciado 2020: 45). Apesar disso - ou por isso mesmo - consideramos útil compartilhar essas experiências e refletir sobre elas, com o objetivo de que possam não apenas estimular outras iniciativas, mas nos ajudar a pensar desafios implicados na relação entre educação e tecnologia. Tal como afirma Veena Das (2020), este texto representa uma forma de sermos “educadas” em público<sup>5</sup>, na medida em que ao descrevermos nossos caminhos de produção e os desafios que encontramos, entendemos melhor os usos possíveis, os potenciais e também as limitações de um podcast como complemento de um processo de ensino-aprendizagem e para a divulgação científica em Antropologia e Ciências Sociais.

Com esse objetivo, o texto que segue está organizado em duas partes, além das perspectivas finais. Na primeira delas, apresentamos um balanço, sem pretensão de exaustividade, da produção recente sobre o uso de podcasts na educação e na divulgação científica no Brasil e no mundo, argumentando a respeito do crescimento desse tipo de produção científica nos últimos anos e, em particular, com a crise sanitária global. Na segunda parte, descrevemos o contexto de surgimento e a proposta do *Campo: um podcast de Antropologia*, bem como as transformações na forma de produção e divulgação, as atividades e os conhecimentos necessários para tanto. Apontamos as materialidades e os fluxos presentes e constitutivos da experiência de realizar divulgação científica por meio de podcasts. Nas perspectivas finais, lançamos algumas considerações sobre a relação entre tecnologia e experimentação, como também pontuamos desafios para a continuidade desse tipo de produção científica no Brasil.

### **Podcasts, educação e divulgação científica**

Podcasts são artefatos digitais cuja definição, tal como apontam Chan-Olmsted e Chang (2020), tem mudado a partir

---

<sup>5</sup> Veena Das abre seu livro mais recente dizendo que ele é, além de uma narrativa de 30 anos de pesquisa de campo, a “busca por uma educação, de um aprendizado” (Das 2020: 1, no original *striving for an education*). Esta abertura a “ser educada”, no seu caso, vem da junção de autobiografia, relações com interlocutoras/es de campo e colegas acadêmicas/os e da leitura de apontamentos filosóficos de Wittgenstein e Cavell.

das diferentes configurações em que é produzido, divulgado e consumido. Ao chamá-lo de artefato digital, o objetivo é ressaltar o fato de que se trata de um tipo de codificação e produção de dados que tem uma materialidade específica, própria do digital (Leonardi 2010) e que se situa nos deslizamentos entre ambientes digitais e analógicos (Lundstrom e Lundstrom 2020). Dessa forma, ainda que haja uma definição formal de podcast - arquivos de áudio distribuídos por sistema RSS<sup>6</sup> e que são semelhantes a programas de rádio - optamos por pensá-lo como algo contingente e que pode adquirir diferentes formatações, modelos de produção e de veiculação. Cite-se, por exemplo, o caso do uso do YouTube para hospedagem de podcasts, conformando o que Colligan (2018) dá o nome de “video podcast”.

Ainda em termos gerais, 2004 é apontado como o ano do advento dos podcasts, sendo que estaríamos vivendo, desde 2014, a “era de ouro” (Spinelli e Dann 2019) da “podosfera” – que seria, por sua vez, o universo de produção, consumo e diálogo sobre e a partir de podcasts. Nesse sentido, há um crescimento exponencial na quantidade de podcasts produzidos, bem como na quantidade de ouvintes. No caso brasileiro, uma pesquisa recente<sup>7</sup>, realizada pela Kantar/Globo, mostra que o ano de 2020 - o primeiro da pandemia da Covid-19 - registrou um aumento de 33% no número de ouvintes de podcasts, o que totalizaria aproximadamente 28 milhões de ouvintes maiores de 16 anos no país. Para além do crescimento numérico, é notável a diversificação de formatos, de plataformas e de formas narrativas, o que dispara debates sobre monetização, política de dados, plataformização, desigualdades digitais, como também sobre o borramento das fronteiras entre produtoras/es

---

<sup>6</sup> RSS é a sigla para Really Simple Syndication. Em termos gerais, representa um formato de web feed que permite manter controle simples de atualizações e compartilhamentos. Desenvolvido originalmente para o Netscape (navegador bastante popular nos anos 1990), seu diferencial está na ideia de “syndication”, que se refere à distribuição do conteúdo. De acordo com Hammersley (2003), o RSS representou uma inovação para a “semântica” da web, transformando o fluxo de informações, o modo como elas são acessadas e agregadas e a experiência do usuário. No caso dos podcasts, o uso de RSS tem impactos diretos na sua distribuição, feita de modo bastante simples (como indica o nome em inglês) e que permite indexar e compartilhar o conteúdo produzido em diferentes plataformas. No Campo Podcast, utilizamos a plataforma Anchor que realiza, por RSS, a distribuição para 8 tocadores.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/capital/post/audiencia-de-podcast-cresce-33-em-ano-de-pandemia.html>

e consumidoras/es. No entanto, algo curioso é que, apesar da produção de podcasts nas mais diversas áreas - sociedade e cultura, educação, ciência, música, jornalismo, esporte, saúde, contação de histórias, apenas para citar as categorias indexadoras mais comuns - um olhar mais detido nesse cenário mostra que os podcasts representam um campo ainda pouco explorado nas Ciências Sociais, especialmente se comparado a outras áreas do conhecimento, ainda que produções como Fleischer e Manica (2020), Fleischer (2020), Fleischer e Mota (2021), Pinheiro et al (2020), Lacerda e Parreiras (2020), Bazzo (2021) e Magalhães (2021) tenham suprido parte dessa lacuna.

Em diálogo com Ciências Sociais, estudos sobre a relação entre podcast e educação provenientes do campo da Comunicação e da Pedagogia sugerem que algumas características deste artefato fazem com que ele seja um recurso para processos de ensino-aprendizagem (Moura e Carvalho 2006; Bottentuit Júnior e Coutinho 2007; Aguiar e Santos 2020). Dentre os pontos elencados estão as possibilidades de pausar, repetir, avançar ou retroceder; a portabilidade, na medida em que pode ser ouvido em diferentes dispositivos (celulares, computadores), a otimização do tempo (uma vez que podem ser consumidos em deslocamentos ou durante a realização de outras atividades) e até mesmo baixados (o que dispensa a necessidade constante de conexão à internet) e também de interagir (em alguns aplicativos).

Para Fleischer e Manica (2020), os podcasts científicos se distinguem da maior parte da produção no campo das Ciências Sociais porque, diferente dos artigos científicos, *lives* e *webinars* que demandam o sentido da visão, os podcasts exercitam a escuta. Com os podcasts “desafogam-se os olhos, descentra-se a visão, alivia-se a inundação visual reportada por muitas pesquisadoras da área” (Fleischer e Manica 2020: 3). Além disso, as autoras argumentam que a escuta é constitutiva da prática antropológica e deve ser continuamente exercitada e provocada. Apenas alguns anos antes, Dantas-Queiroz, Wentzel e Queiroz (2018) consideraram, àquela época, ainda subexplorado o conteúdo científico nos podcasts, a despeito do público em potencial. Nesse sentido, concordamos com Fleischer e Manica (id.) a respeito da ampliação dos podcasts de Antropologia desde o início da pandemia da Covid-19, ainda durante o primeiro trimestre de 2020. Outro ponto que mostra a força dessa forma de produção e divulgação de conhecimento é que, no final de 2020, foi formada uma rede de podcasts de

Antropologia e Ciências Humanas, a Rádio Kere-Kere. Atualmente, a rede conta com 16 podcasts, produzidos em diferentes regiões do país e que abordam diversas temáticas. A rede busca publicizar as produções realizadas, bem como propor estratégias conjuntas de discussão sobre podcasts e sua aplicação acadêmica no ensino, pesquisa e extensão<sup>8</sup>.

Nas próximas páginas, iremos descrever, analisar e apontar alguns problemas e tendências que observamos no cenário da difusão científica, especialmente em Antropologia, a partir da nossa experiência como realizadoras do *Campo: um podcast de Antropologia*. Esse é um dos podcasts que foi criado no contexto da crise sanitária, como forma de contornar um problema que muitas docentes enfrentaram e ainda enfrentam: a redução da carga horária das disciplinas. Antes de passar à descrição mais detida de nossa experiência, é importante observar que apesar de reconhecermos o potencial de podcasts para a educação e para a produção e divulgação de conhecimento científico, este processo é marcado por desigualdades (sociais e digitais) e por contenciosos. Falaremos sobre eles mais adiante, mas apenas para dar uma ideia, o TIC Domicílios<sup>9</sup> de 2019 mostra que os podcasts aparecem como uma das atividades mais executadas na Internet (13% dos usuários disseram ouvir podcasts). No entanto, este uso é mais comum entre pessoas da Classe A (37%) e com ensino superior (26%). Somente estes dados já dão uma ideia do quanto, ainda que sejam aparentemente mais acessíveis, os podcasts fazem parte de processos mais amplos de desigualdade de acesso, o que é intensificado quando pensamos nas plataformas utilizadas para sua veiculação e nas políticas de dados adotadas. Ao pontuar os processos de desigualdade, queremos chamar a atenção para o fato de que uma reflexão sobre potencialidades não pode prescindir de uma postura crítica, na medida em que também deve ser uma preocupação mitigar as (ainda) enormes barreiras ao acesso à tecnologia e à Internet.

---

<sup>8</sup> A rádio possui o website [www.redekerekere.org](http://www.redekerekere.org) que pode ser consultado para informações completas sobre as atividades, eventos e perfis dos podcasts que a integram.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2019/domicilios/> O TIC Pandemia, lançado no período em que escrevíamos este artigo, traz dados que podem ser interessantes para reflexões futuras. Ainda que não haja a menção direta a podcasts, ao levarem em consideração os usos da internet feitos pelos/as brasileiros/as durante a pandemia, aparece o aumento do uso (e do pagamento) de plataformas de streaming/música (mas elas contêm podcasts) e esse crescimento foi mais acentuado nas classes A e B.

### **Fazendo o Campo**

Em agosto de 2020, diante da redução da carga horária das disciplinas universitárias devido às restrições associadas à pandemia da Covid-19, a segunda autora, que ministrava a disciplina “Gênero, Estado e Processos de Subjetivação”, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sentiu a necessidade de criar um conteúdo complementar para ser disponibilizado aos estudantes. Esse conteúdo não poderia ser algo que concorresse ou substituísse os encontros *on-line*, de maneira que a proposta foi formulada do seguinte modo: apresentar o contexto de divulgação da obra a ser trabalhada e seu universo de diálogo (quais autoras/es, quais teorias, como foi a recepção da obra no meio acadêmico). Como a professora da disciplina consumia diversos tipos de podcasts, e também considerava a gravação de arquivos de áudio mais prática do que a produção de vídeos, optou por registrar, em áudio, o conteúdo a ser transmitido, inicialmente, para as/os estudantes. Apesar de as duas primeiras aulas terem tido, como material complementar, registros em áudio enviados às/aos estudantes pela própria plataforma de apoio às aulas (Google Classroom), a partir da terceira, o áudio foi disponibilizado, via RSS, em oito plataformas de streaming, por meio de um aplicativo de criação, hospedagem e divulgação de podcasts (Anchor).

Entre agosto e novembro, foram produzidos cinco episódios do podcast que estava registrado com o nome da disciplina. Em termos do conteúdo explorado nesses episódios, ele refletiu, em grande medida, a proposta da disciplina de dialogar com autoras (e eventualmente autores também), não-brancas, terceiro-mundistas e integrantes de outros tipos de minorias. Foram trabalhadas no podcast as produções de Mara Viveros, Judith Butler, Michel Foucault, Veena Das, bell hooks, Gloria Anzaldúa e Gayatri Spivak. Assim, a proposta que posteriormente seria apresentada no *Campo*, como sendo a abordagem da difusão científica em que acreditamos e que promovemos, tem origem na mais convencional prática docente – a sala de aula – ainda que transformada por provocações mais recentes como a política científica (por vezes racista, colonialista e excludente), debate mobilizado por várias das referências utilizadas no curso (Spivak 2014; Foucault 1995; hooks 1995 e 2019; Anzaldúa 1987 e 2005 e, ainda, Lugones 2014; Hurston 2019).

Apesar de o material ter se tornado público a partir do momento em que foi disponibilizado em plataformas de streaming, não houve divulgação ampla do podcast, exceto por eventual iniciativa de estudantes. Em dezembro de 2020, o sexto episódio foi o segundo realizado em parceria entre as autoras. Carolina Parreiras editou o material composto por áudios gravados por Paula Lacerda, e também por outros conteúdos sonoros. Nesse episódio, foi realizado um primeiro experimento de edição e montagem de vozes, linguagens e idiomas, em diálogo com a obra de Gloria Anzaldúa, teórica feminista, artista e poeta chicana. Como questões da língua e da linguagem são temas que assumem um lugar central na perspectiva de Anzaldúa, convidamos três mulheres antropólogas para realizarem a leitura de um dos poemas da autora, em três idiomas e com três sotaques diferentes. Esse episódio representou a primeira iniciativa de diálogo entre montagem de som e conteúdo. A partir de então pensamos em um novo nome (desvinculado da disciplina), em uma identidade visual. Criamos redes sociais (Instagram, Facebook e Twitter) e um website. A respeito da criação dessas redes e da conexão entre elas, falaremos adiante. O final da disciplina marca o encerramento do que, atualmente, está classificado como a primeira temporada do podcast.

A edição da segunda temporada do *Campo*, iniciada em janeiro de 2021, foi parcialmente desvinculada de atividade docente formal. Desde a segunda temporada do *Campo*, contamos com um grupo de estudos formado por colegas interessadas na nossa agenda de discussão. Em conjunto, estabelecemos uma lista de leituras de interesses comuns, seguindo a proposta que marcou a criação da disciplina anteriormente ministrada e, conseqüentemente, do podcast: autoras com produção no campo de estudos de gênero, especialmente mulheres negras, latinas e/ou terceiro-mundistas etc. O grupo de estudos troca informações de maneira frequente via Whatsapp e se reúne pela plataforma Zoom em periodicidade geralmente quinzenal. Os debates coletivos orientam as questões que serão trabalhadas no podcast.

Acima, dissemos que a segunda temporada do *Campo* foi parcialmente desvinculada da atividade docente formal. Parcialmente porque dois dos episódios dessa temporada foram utilizados pela segunda autora como material complementar às aulas de Antropologia para a graduação, ministradas no primeiro semestre de 2021. Assim, ainda que o *Campo* não seja

mais um podcast voltado especificamente a estudantes de uma determinada disciplina, o processo de produção do conteúdo continua vinculado à atividade docente. Se não destinado a um conjunto conhecido e delimitado de estudantes, a linguagem, a forma narrativa e as escolhas do conteúdo a ser trabalhado têm em mente o público de pessoas em diferentes níveis de formação (graduação ou pós-graduação), ainda que não desconsideremos o público de profissionais formadas/os (na própria área das Ciências Sociais/Antropologia ou em outras áreas).

Dados numéricos aos quais temos acesso por meio do Anchor e da ferramenta específica do Spotify para podcasts, bem como a partir do número de pessoas que seguem o podcast nas redes sociais, sugerem que nosso conteúdo começa a circular para fora de nosso campo disciplinar. Ainda que os números não tragam todas as respostas, nos parece que eles são bons termômetros indicativos de como o *Campo* circula e em quais espaços. Nesse sentido, chama nossa atenção o fato de que recorrentemente temos ocupado o ranking dos 50 podcasts mais ouvidos no Brasil na categoria Ciência. Também recebemos feedbacks de ouvintes via redes sociais, o que vem ocorrendo por meio dos compartilhamentos de episódios e/ou outro conteúdo do podcast, como também por meio de mensagens diretas de apoio e de parabenização pelo conteúdo apresentado. Frequentemente, também somos informadas que o *Campo* foi incluído em programas de curso (os dados de acesso do nosso site corroboram essa informação).

Desse modo, é possível dizer que o *Campo* tem como uma de suas preocupações centrais a linguagem utilizada para nos referirmos à produção (científica, política, artística) das autoras e autores sobre as quais realizamos nossos episódios. Apesar de apresentarmos e discutirmos conceitos, debates e cenários por vezes complexos, apostamos que a oralidade é uma boa aliada para a divulgação desse conteúdo. Assim, utilizamos um roteiro em tópicos, sem escrever o conteúdo que será gravado. E, com isso, aprendemos a acertar e aceitar as pausas para respiração, a repetição de palavras, os sotaques, os barbarismos e os vícios de linguagem. Ou mesmo os barulhos da vida que acontece fora da gravação e que, por vezes, se infiltra nos episódios - barulhos de trânsito, animais domésticos, vizinhança. Da mesma forma, não utilizamos os recursos de edição e de montagem de forma a alterar as marcas da oralidade do conteúdo apresentado, mas, ao contrário,

juntamos e editamos sons de diferentes vozes e sotaques para reforçarmos essa dimensão que consideramos ser crucial tanto para a proposta do podcast quanto para a experiência de escuta.

Outro aspecto constitutivo das propostas do *Campo* está relacionado ao tempo de duração dos episódios. Embora, a partir da introdução de alguns experimentos sonoros, os episódios tenham alcançado uma duração um pouco maior na segunda temporada, nossa proposta é que os episódios sejam curtos, o que favorece uma abordagem objetiva e, conforme acreditamos, se adequa ao tempo que sentimos estar cada vez mais escasso diante das transformações nas dimensões profissionais e pessoais dos últimos meses, em função da pandemia. Sabemos que muitos aspectos da discussão de autoras e autores com extensa produção, como os que trouxemos em nossos episódios, não têm como serem esgotados, e às vezes, sequer abordados na duração do episódio, que gira em torno de 20 minutos (na primeira temporada) e 35 minutos (na segunda temporada). Ainda assim, tentamos equilibrar a proposta de apresentar, segundo enquadramentos precisos (informações profissionais das autoras, contexto de produção científica, principais conceitos e contribuições, universo de diálogo), algumas das questões trabalhadas pelas autoras e apenas indicar, ou sugerir, desdobramentos futuros.

Nesse sentido, o podcast não se diferencia de qualquer outra ferramenta de ensino: a potencialidade consiste em instigar o interesse, o questionamento e a dúvida. A curta duração dos episódios, ao nosso ver, também favorece algo que se sabe sobre os podcasts, ainda que não tenha sido registrado nas pesquisas realizadas sobre essa mídia: as pessoas costumam escutar enquanto realizam outras atividades. Taussig (2020), em conferência na 32<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia, tece considerações sobre o “*multitasking*”, refletindo sobre Walter Benjamin, formas narrativas e programas de rádio. De acordo com ele, o “espaço sônico” criado ao ouvir rádio (e diríamos podcasts, aos quais ele faz alusão), permite à mente ser menos fixa, “mais propensa ao fluxo e à mudança” e, portanto, se dedicar a “tarefas semiautomáticas, chatas, repetitivas”. Na multitarefa, seria criado um espaço mente-corpo que faria com que a narrativa auditiva pudesse ser mais bem recebida. Desse modo, “o melhor momento para ouvir uma história é quando se está fazendo outra coisa” (Taussig 2020).

Atualmente, o *Campo* está na transição entre a segunda e a terceira temporada. A segunda temporada é composta por seis episódios dedicados às seguintes autoras e autores: Audre Lorde, Paul Preciado, Ochy Curiel, Zora Hurston, Monique Wittig, Gayle Rubin e um episódio extra sobre Virgínia Bicudo. Em paralelo, trabalhamos em um experimento sonoro, que nomeamos como *Sentidos do Campo*<sup>10</sup>, um quadro que é uma espécie de spin-off, como sugere Magalhães (2021), ou em nossas palavras, um "produto derivado". Em *Sentidos do Campo*, partimos da pesquisa etnográfica de Paula Lacerda na cidade de Altamira-PA, realizada ao longo dos últimos doze anos, para explorar sentidos, sons, narrativas e vozes que constituem a experiência complexa, desafiadora e transformadora do trabalho de campo em Antropologia. Com esse produto, nosso objetivo é compartilhar os sentidos e as sensações da pesquisa de campo, que nem sempre são considerados como parte constitutiva da pesquisa científica sobretudo em abordagens e visões mais conservadoras sobre o tema. Como nos sentimos realizando pesquisa em um local e/ou contexto diferente do nosso? O que mais chama a nossa atenção e como a nossa percepção é transformada com a passagem do tempo? Como os sons, por vezes esquecidos, atravessam, compõem e mediam as relações que estabelecemos em campo? São essas algumas das questões disparadoras de *Sentidos do Campo*.

Em relação às temporadas regulares do *Campo*, avaliamos que nosso trabalho, especialmente a partir da segunda temporada, passou a envolver mais etapas e processos. A seleção do conteúdo (curadoria) é definida previamente junto às participantes do grupo de estudo. Temos uma lista comum de interesses de leituras e definimos a cada encontro o conteúdo do próximo, visando deixar abertas as possibilidades para conexões e diálogos que talvez não estivessem visíveis no momento de escolha das autoras a serem lidas. Da mesma forma, a parte da obra de cada autora que será discutida é de escolha das participantes. Coletivamente, nós disponibilizamos (via Google Drive) um material variado e quase sempre vasto das e sobre as autoras para que cada participante escolha o que ler, de acordo com seus interesses, possibilidades e disponibilidades. Após a realização do encontro do grupo de estudos, como foi dito, nós, as realizadoras do podcast,

---

<sup>10</sup> *Sentidos do Campo* é realizado em parceria com o NUAMA – Núcleo de Estudos sobre a Amazônia Contemporânea, da UERJ, coordenado por Paula Lacerda.

elaboramos um roteiro que antecede a gravação do episódio. Para a gravação, não utilizamos o recurso oferecido pelo aplicativo de produção de podcasts, mas preferimos realizar o registro a partir de um aplicativo de gravação de uso gratuito. Caso haja algum outro material a ser gravado – leitura de trechos da obra ou comentários específicos -, esse material é produzido, o que já foi feito de diferentes formas (com gravação das participantes, reunidas em uma mesma chamada de voz e vídeo, e com gravação realizada pelas participantes e enviadas para nós via e-mail, Google Drive ou Wetransfer).

O áudio é registrado por meio de um microfone cardióide<sup>11</sup>, com isolamento de sons exteriores, conectado ao iPhone, sem uso de outros recursos ou estratégias para captura do som. O arquivo é compartilhado entre as realizadoras do podcast via iCloud. A edição é feita no software Audition, em função específica de áudio *multitrack* e em interface de podcast. Com o episódio montado, utilizamos o programa Sonix, de inteligência artificial, para realizar a transcrição, que é então revisada. Feito isso, o texto da transcrição é diagramado no programa InDesign e é gerado um Portable Document Format (.pdf), que disponibilizamos em nosso site para fins de acessibilidade. Acreditamos que parte importante da potencialidade do podcast é servir como ferramenta de inclusão e acessibilidade, considerando as pessoas com baixa visão ou deficiência visual (Fleischer e Mota 2021). No entanto, para facilitar o acesso a pessoas com baixa escuta ou deficiência auditiva, produzimos também a transcrição.

Para a divulgação, escolhemos uma imagem de nossa autoria, ou em banco de dados com licença Creative Commons<sup>12</sup> ou de livre utilização (como o Pexels, Wikicommons ou Pixabay) ou ainda em arquivos públicos (como a biblioteca do Congresso Norte-americano ou o Arquivo Nacional, por exemplo), realizamos a edição dessa imagem no aplicativo Canva, elaboramos o texto que vai para o site hospedado em plataforma Wix e para o post do Instagram. O material hospedado no site é inédito e é escrito por uma das realizadoras do podcast, ou pelas duas. Após a

---

<sup>11</sup> Tipo de microfone de captação frontal e unidirecional de som, que conta com revestimento para isolamento de sons externos.

<sup>12</sup> Todo o material que produzimos para o website (incluindo as transcrições) está licenciado como Creative Commons 4.0 internacional com atribuição de autoria, em uma modalidade que permite o uso livre de todo material, mas com exigência de reconhecimento de autoria.

postagem desse conteúdo, no site e no Instagram, divulgamos a notícia da publicação do novo episódio por meio das redes sociais do podcast e das nossas próprias, que são compartilhadas por pessoas que acompanham o nosso conteúdo. Solicitamos, por e-mail, divulgação nas redes sociais da Associação Brasileira de Antropologia e de outras redes e associações científicas, como a American Anthropological Association (AAA)<sup>13</sup>.

Dessa forma, as atividades de produção do *Campo* estão diretamente relacionadas às atividades de divulgação e difusão desse conteúdo científico. Para isso, as redes sociais são fundamentais, pela rápida circulação que alcançam, mas também sentimos a necessidade de um website que não apenas apresentasse um material inédito e complementar, mas que pudéssemos hospedar tanto as transcrições dos episódios quanto uma forma de escutar por ali mesmo, sem a necessidade de utilização de plataformas de streaming. Apesar da crescente popularidade desses aplicativos, eles podem não ser o meio mais facilitado de acessar o *Campo*, especialmente por pessoas que não tenham o hábito de ouvir podcasts.

Como se vê, para a realização das atividades do *Campo* manuseamos uma quantidade bastante significativa de dispositivos, aplicativos, plataformas, redes sociais e softwares, alguns dos quais já nos eram familiares antes do início das atividades do podcast, outros foram inteiramente novos. Uma de nós aprendeu a editar som, a outra aprendeu a diagramar textos. Como afirmamos na apresentação deste artigo, houve disposição de ambas as autoras para serem “educadas em público” (Das 2020). Isso significa que o aprendizado ocorreu a partir da conjuntura, da percepção de nossas fragilidades e de nossa abertura a lidar com as muitas falhas, com tutoriais de todos os tipos (disponíveis no YouTube, em fóruns ou com auxílio de amigas) e com as inúmeras imperfeições na edição, nos sons, na fala, nos cortes. Aprendemos, sobretudo, a não ter medo de experimentar a partir das possibilidades tecnológicas ao nosso alcance. Ser “educada em público” implica em deixar visíveis as marcas do processo de aprendizado, o que pode ser

---

<sup>13</sup> Recentemente, passamos a integrar a Biblioteca de Podcasts da AAA e, a cada novo episódio lançado, eles realizam divulgação no Twitter. Este fato agregou novos ouvintes ao podcast, o que é confirmado pela quantidade crescente de acessos realizados dos Estados Unidos. Apesar de o podcast ser em língua portuguesa, consideramos pertinente a divulgação do *Campo* por meio das redes da AAA em função da diversidade de associados a ela vinculados.

observado, por exemplo, no contraste entre os primeiros e os mais recentes episódios.

### **Perspectivas Finais**

A partir do que apresentamos, algo notável diz respeito a este fluxo entre diferentes plataformas e dispositivos. Isso indica o caráter diário que a tecnologia assume em nossas vidas, corroborando com o que Hine (2015) classifica como uma(s) internet(s) cotidiana, incorporada e corporificada. Parreiras (2008, 2015, 2017), ao pensar algumas perspectivas em torno dos usos que os sujeitos fazem da tecnologia e da internet, já sugeria o acompanhamento de fluxos das navegações, “perambulações online”, relações e conexões, que envolvem não apenas o digital, mas os muitos possíveis deslizamentos entre online e offline, digital e analógico. Pensar por essa perspectiva também ressalta a importância de refletir sobre outras relações, como as que estabelecemos com os dispositivos tecnológicos, por exemplo, na conformação do que vem sendo chamado de redes e relações sociotécnicas (Gomes 2020; Ramos e Freitas 2017; Gomes e Leitão 2011).

Na descrição do processo de feitura do *Campo*, demos especial atenção aos muitos dispositivos e artefatos técnicos que mobilizamos para produção, gravação e divulgação do podcast para deixar clara a necessidade de pensarmos nas várias materialidades e fluxos nos quais que estamos imersas. Há um microfone específico, um programa de edição, perfis nas redes sociais mais populares, uma plataforma de comunicação multimídia como o WhatsApp, fones de ouvido, nuvens de dados e os próprios computadores e celulares. Como dito anteriormente, já usávamos muitos desses dispositivos, plataformas, redes, aplicativos e softwares em nosso cotidiano. No entanto, seu uso foi ressignificado no contexto do podcast. Em outros casos, o uso foi uma novidade, mas também experimental. Um exemplo é a plataforma de edição utilizada. Antes da opção pelo Audition - um programa pago, dentre os tantos que compõem a Adobe Creative Cloud - foram feitos inúmeros testes com softwares gratuitos como o Audacity, mas optamos por aquele que ofereceu melhor usabilidade e foi mais intuitivo.

Nesse artigo, argumentamos que experimentação e tecnologia são tópicos que têm uma relação íntima e sobre a qual foi criada inclusive uma espécie de mitologia, vide as

narrativas sobre os modos como grandes corporações de tecnologia, como Apple, Facebook, Google e Microsoft, surgiram, que se conformam desde o surgimento em garagens obscuras de cidade universitárias até a própria trajetória de suas/seus criadoras/es), que normalmente ressalta o papel do acaso e o lado experimental de ser um/a criador/a de tecnologia ou de artefatos digitais. Jungnickel<sup>14</sup> (2010), ao etnografar *criadores (makers)* de tecnologia que se situam nas fronteiras entre “desenvolvedores de quintal” e “centros estabelecidos de inovação”, propõe pensar em *experiences of mess* (experiências de bagunça, em nossa tradução) nos processos criativos. Essa ideia nos parece interessante por representar uma estratégia de deixar exposta e pública nossa própria “bagunça sociológica”, as vulnerabilidades envolvidas no processo de criar, os experimentos, a aleatoriedade dos pensamentos e o reconhecimento das falhas.

Muito tem sido dito a respeito do quanto o uso mais espraiado das tecnologias e da internet provoca um tensionamento da posição de produtoras/es e consumidoras/es. Essa é uma das características apontadas inclusive como definidoras da chamada web 2.0<sup>15</sup>. Desse modo, a partir das modificações técnicas, do aumento do acesso, da miniaturização dos dispositivos e de sua mobilidade (como é o caso do uso crescente de celulares) e da explosão de linguagens e formas de edição, há uma maior facilidade para que as/os usuárias/os produzam digitalmente, inclusive fazendo disso uma forma de ganhos financeiros. Para autores como Ritzer e Jurgenson (2010), haveria inclusive a formatação de uma nova

---

<sup>14</sup> A própria Jungnickel se define como uma “criadora e experimentadora”, com interesse em “como as pessoas imaginam futuros diferentes por meio do uso e mau uso de materiais, tecnologias e práticas mundanas e ordinárias” (site da autora, tradução nossa) e em formas sociotécnicas de resistência. Em seu site, é possível ver suas várias criações, desde costura até a montagem de bicicletas.

<sup>15</sup> Web 2.0 é referida como a segunda fase de desenvolvimento técnico da internet, iniciada na virada dos anos 2000 com a explosão da “bolha.com” (momento em que havia poucas empresas produzindo programação e uma massa de consumidores). É importante ressaltar, como alerta Parreiras (2015), que esses termos têm sua origem no meio empresarial e não são consensuais. De todo modo, a principal característica da web 2.0 é a abertura da possibilidade de desenvolvimento de artefatos digitais potencialmente para qualquer um/a de nós. Outras características normalmente apontadas são: modelo wiki, criação de novas formas de indexação, como as *tags*; criação de ambientes colaborativos e de produção coletiva; surgimento das redes sociais; preocupação com direitos autorais e surgimento de novas formas de licença (o maior exemplo é a Creative Commons).

possibilidade, o *prosumer*, figura que representa uma mistura de produtor e consumidor. No entanto, é importante fazer a ressalva de que as facilidades cada vez maiores de produção não significam que há maior democratização do acesso tecnológico e muito menos do repertório de aplicativos, softwares e plataformas, que operam em linguagens muito específicas e requerem aprendizado. Como afirma Turner (2010), é prudente manter cautela diante de todas as promessas de acesso democrático, evitando assim reificar uma suposta noção de “cultura da participação”, com possibilidades igualitárias para todos.

No caso dos podcasts, sem dúvida as facilidades de produção podem ser entendidas como propulsoras do crescimento da quantidade de opções. Parece claro que ficou mais fácil se aventurar na produção de conteúdo, em todas as etapas envolvidas, com uso da tecnologia. Isso aconteceu conosco, como tentamos mostrar. Ambas éramos consumidoras de podcasts, ainda que em diferentes níveis. Ainda que fôssemos usuárias de uma série de plataformas, tivemos que ressignificar alguns dos usos (basear a troca de arquivos quase exclusivamente em nuvens ou criar uma conta comercial - e não pessoal - em uma rede como o Instagram) e, em alguns casos, aprender do zero (caso da edição de som e da diagramação das transcrições, por exemplo). Nunca havíamos cogitado produzir nenhum artefato digital e a feitura do podcast vem das contingências trazidas pela pandemia. O mesmo pode ser dito sobre o encontro profissional entre autoras, também fortuito, por acaso (*serendipity*, diriam as narrativas dos casos tecnológicos de sucesso) e oportunizado por outra experiência que une educação, divulgação científica e tecnologia: a participação na comissão organizadora da 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, ocorrida de maneira remota no segundo semestre de 2020.

Algo a ser reforçado se refere aos custos e às possibilidades de produção e difusão do *Campo* e de podcasts de maneira geral. Como mencionamos, vários dos aplicativos ou softwares que utilizamos não são de uso gratuito. Esse contexto aponta tanto para custos envolvidos na produção acadêmica, nem sempre visíveis ou mesmo contempláveis em editais de financiamentos cada vez mais escassos, quanto para os efeitos, já perceptíveis, do desinvestimento em ciência e tecnologia dos últimos anos. Consideramos que o crescimento na produção e no consumo de podcasts científicos se deu apesar da falta de

incentivos públicos. Paradoxalmente, esse conteúdo vem sendo valorizado nas métricas de avaliação da produção técnica e de divulgação científica dos docentes e de seus programas de pós-graduação.

Assim, é possível dizer que, nesse momento, existe um descompasso entre a variedade da produção científica e tecnológica e a estrutura pública oferecida, que não dispõe de meios ou suporte para esse tipo de produção. Realizamos, aqui, um contraponto às perspectivas de Fleischer e Manica (2020) que afirmam que os podcasts podem ser produzidos sob baixos custos, considerando a existência de programas livres para edição e escuta. Ainda que de fato existam softwares gratuitos e, de maneira geral, formas de produzir podcast com pouco recurso, isso não significa sem custos<sup>16</sup>, como também não significa iguais condições de produção e difusão entre as equipes que têm meios de investir e aquelas/es que não têm. Nesse sentido, as propostas apresentadas pelas autoras são, ao nosso ver, ainda mais relevantes diante da nossa observação: a incorporação ao currículo de “cursos de divulgação científica, *media training*, edição de áudio, alfabetização nas mídias sociais, produção de textos criativos, palatáveis e claros” (op. cit., s/p) é tarefa necessária a ser enfrentada sobretudo em tempos de questionamento sobre o lugar das Ciências Sociais e Humanas na produção do conhecimento.

Por fim, algo que precisa ser levado em consideração apesar das inúmeras vantagens da produção de podcasts, é que disponibilizamos essa produção intelectual em várias plataformas privadas, vinculadas a grandes empresas, sendo que apenas uma delas concentra mais de 80% da nossa audiência. Isso tem implicações. A primeira delas diz respeito à própria lógica de funcionamento dessas plataformas (e o mesmo vale para as redes sociais), que se baseiam em uma política de dados um tanto obscura ou, como refere O’Neil (2020), em “modelos secretos” que controlam todas as esferas da vida. Segundo a autora, a criação de modelos - e essa é a base da codificação digital - envolve escolhas, que são simplificações da realidade social e baseadas nos “julgamentos e prioridades” dos

---

<sup>16</sup> Há uma máxima, entre as estudiosas da Internet, de que se você não está pagando diretamente por algum programa, serviço ou acesso, você e seus dados são o próprio pagamento. Casos recentes, como os escândalos em torno da política de dados do Facebook ou mesmo os inúmeros e constantes vazamentos de dados, corroboram essa afirmação, sendo que as plataformas armazenam nossos dados sem que sequer tenhamos conhecimento disso.

desenvolvedores (e das corporações<sup>17</sup>). Desse modo, não há aleatoriedade no funcionamento, nas indicações que recebemos<sup>18</sup> e muito menos na coleta dos dados invisíveis com os quais abastecemos ininterruptamente as plataformas. Como mostra Noble (2018), estas configurações algorítmicas invisíveis, operam a partir de diferentes marcas, como raça, gênero e classe social, criando o que ela chama de *technological redlining*, qual seja, uma sucessão de processos de exclusão, que se dão no nível estrutural e matemático, mas com consequências na vida cotidiana das pessoas. Assim, quando pensamos que estamos abastecendo as plataformas com nosso trabalho científico, sem saber exatamente os usos feitos dos nossos dados, torna-se necessário pensar em formas alternativas, mais democráticas e de resistência ao “capitalismo de vigilância” (Zuboff, 2020) representado pela plataformação e pela concentração de grande parte dos podcasts em corporações como Spotify (que hoje é dono também do Anchor), Apple e YouTube.

O mesmo vale para plataformas como Instagram, Facebook e Twitter. Nos últimos anos, especialmente após o caso Cambridge Analytica e Facebook, há uma proliferação de estudos que mostram quão danosa é a política de dados das plataformas, que se baseia no rastreamento de todas as nossas atividades, na vigilância e em noções muito peculiares de privacidade. Some-se a isso a facilidade de propagação de *fake news* e de conteúdos enganosos, que acabam ganhando notoriedade e escala com grande rapidez devido a programação algorítmica adotada. Isso também é algo fundamental de ser pontuado quando pensamos em divulgação científica, no que é tomado como verdade e nas formas como produzimos conhecimento e tentamos dar visibilidade a ele. Para Benjamin (2021), haveria uma “asfixia” pouco visível, representada pelos algoritmos e pelas conformações sociotécnicas, que seria responsável por gerar e reproduzir “desigualdades sistêmicas”. E isso certamente também afeta os muitos usos acadêmicos e educacionais que fazemos das

---

<sup>17</sup> Nos últimos anos, há o desenvolvimento de uma importante produção sobre o papel dos algoritmos na modelagem de nossas possibilidades de consumo, experiências e produção (e na própria formatação do conhecimento que chega a nós). Para mais, ver Noble (2018), Gillespie (2014), Benjamin (2021) e O’Neil (2020).

<sup>18</sup> Esse processo é chamado personalização e está baseado no funcionamento dos algoritmos e também no machine learning/automatização. Uma boa referência para compreender estes processos é Pariser (2012).

tecnologias, aplicativos e plataformas, no geral, e especificamente dos podcasts. Assim, se é certo que mudanças tecnológicas nos últimos trinta anos nos permitiram alcançar as condições de produção e divulgação de conteúdo científico com uma amplitude e fluidez que talvez fosse impensável antes, é também verdade que essas disponibilidades e usos não podem ser tomadas como se não houvesse implicações. Isso precisa ser objeto de nossas reflexões em termos de política científica.

### Referências bibliográficas:

- AGUIAR, Lisiane Machado; SANTOS, Luan Correia Cunha. 2020. “Podcasting Macunaíma: estética antropofágica na experiência de adaptação da obra de Mário de Andrade”. *Pensares em Revista*, 18(1): 106-125. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/47911/33317>. Acesso em 20 abr 2021.
- ANZALDÚA, Gloria. 1987. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books.
- \_\_\_\_\_: 2005. “La conciencia de la mestiza/Rumo a uma nova consciência”. *Revista de Estudos Feministas*, 13(3): 704-719. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000300015](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300015). Acesso em 15 dez 2020.
- boyd, danah. 2015. “Social Media: a phenomenon to be analyzed”. *Social Media + Society*, 1(1):1-2.
- BAZZO, Juliane. 2021. “Fazer etnografia na pandemia: propagandas caminhos possíveis via ondas sonoras. Comunicação”. *Teaching and Learning Anthropology Network Webinar - Teaching and Learning Anthropology during the Pandemic*. Disponível em: <https://radiokerekere.org/2021/03/19/fazer-etnografia-na-pandemia-propagando-caminhos-possiveis-via-ondas-sonoras/>. Acesso em 3 jul. 2021.
- BENJAMIN, Ruha. 2021. “Retomando nosso fôlego: Estudos de Ciência e Tecnologia, Teoria Racial Crítica e a imaginação carcerária”. In: SILVA, Tarcízio (org). *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiáspóricos*. São Paulo: Literarua.

- BOTTENTUIT JÚNIOR; João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. 2007. “Podcasts em educação: uma contribuição para o estado da arte”. In: A. Barca; M. Peralbo; A. Porto; B. Silva; L. Almeida. *Libro de actas do congreso internacional galego-portugués de psicopedagogia, Universidad de A Coruña*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/7094>. Acesso em 20 abr 2021.
- CHAN-OLMSTED, Sylvia; CHANG, Rang. 2020. "Understanding podcast users: Consumption motives and behaviors". *New Media & Society*. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444820963776?journalCode=nmsa>. Acesso em 2 abril 2021.
- COLLIGAN, 2018. “Should you publish your podcast to YouTube? #146”. In: *The Podcast Report With Paul Colligan*. Disponível em: <http://thepodcastreport.com/should-you-publish-your-podcast-to-youtube-146/>. Acesso em 23 de abr 2021.
- DANTAS-QUEIROZ, Marcos; WENTZEL, Lia; QUEIROZ, Luciano. 2018. “Science communication podcasting in Brazil: the potential and challenges depicted by two podcasts”. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, 90(2): 1891-1901. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0001-37652018000401891&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0001-37652018000401891&lng=en&nrm=iso). Acesso em 26 abr 2021.
- DAS, Veena. 2020. *Textures of the ordinary. Doing Anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham.
- FLEISCHER, Soraya. 2020. “Professoras usam o podcast para divulgar a Antropologia”. Entrevista. Disponível em: <https://dissertacaosobredc.blogspot.com/2020/06/entrevista-professores-usam-o-podcast.html#:~:text=Elas%20se%20juntaram%20para%20criar,pouco%20compreendida%20pela%20ampla%20sociedade>. Acesso em 19 abr 2021.
- FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela. 2020. “Ativando a escuta em tempos pandêmicos”. *Boletim Ciências Sociais e o Coronavírus*, 78. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2409-boletim-cientistas-sociais-n-78>. Acesso em 4 abr 2021.

- FLEISCHER; Soraya; MOTA, Julia Couto da. 2021. “Mundaréu: um podcast de Antropologia como uma ferramenta polivalente”. *GIS: gesto, imagem e som*, 6(1): 1-21. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/172390#:~:text=Este%20artigo%20trata%20de%20caracterizar,Antropologia%20na%20Universidade%20de%20Bras%C3%A9lia>. Acesso em 18 abr 2021.
- FOUCAULT, Michel. 1995. “O sujeito e o poder”. In: Paul Rabinow e Hubert Dreyfus. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. p. 231-249.
- GILLESPIE, Tarleton. 2014. “The relevance of algorithms”. In: Talerton Gillespie, Pablo Boczkowski, & Kirsten Foot (Eds.). *Media Technologies: Essays on Communication, Materiality, and Society*. Cambridge: MIT Press. p.167-194.
- GOMES, Laura Graziela. 2020. “Avatares: o maravilhoso e o estranho no Second Life”. *Estudos Históricos*, 33(69): 173-195. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/eh/v33n69/2178-1494-eh-33-69-173.pdf>. Acesso em 24 abr 2021.
- GOMES, Laura Graziela e LEITÃO, Debora. 2011. “Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnográfica no Second Life”. *Cronos: Revista de Pós-graduação em Ciências Sociais*, 12(1): 25-40. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3159>. Acesso em 25 abr 2021.
- HAMMERSLEY, Ben. 2003. *Content Syndication with RSS*. O'Reilly Media. Disponível em: <https://www.oreilly.com/library/view/content-syndication-with/0596003838/index.html>. Acesso em 3 jul. 2021.
- HINE, Christine. 2015. *Ethnography for the Internet. Embodied, embodied and everyday*. London: Bloomsbury.
- hooks, bell. 1995. “Intelectuais Negras”. *Revista de Estudos Feministas*, 3 (2): 464-478.
- \_\_\_\_\_. 2019. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante.
- HURSTON, Zora. 2019. “O que os editores brancos não publicarão”. *Ayé: Revista de Antropologia*, 1(1): 106-111.

- Disponível em:  
<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/288/141>. Acesso em 16 mar 2021.
- JUNGNICKEL, Katrina. 2010. Ethnographic Knowledge: Making sociology about makers of technology. *Street Signs*, Centre for Urban and Community Research, London: Goldsmiths, 28-31. Disponível em:  
[http://research.gold.ac.uk/18380/1/StreetS\\_spring2010.pdf](http://research.gold.ac.uk/18380/1/StreetS_spring2010.pdf). Acesso em 24 abril 2021.
- LACERDA, Paula e PARREIRAS, Carolina. 2020. “Podcasts as a teaching and learning tool in Anthropology”. *Teaching Anthropology, A Journal of the Royal Anthropological Institute*. Disponível em: <https://www.teachinganthropology.org/>
- LEONARDI, Paul M. 2010. “Digital materiality? How artifacts without matter, matter”. *First Monday*, 15(6-7):s/p. Disponível em:  
<https://journals.uic.edu/ojs/index.php/fm/article/view/3036>. Acesso em 22 abr 2021.
- LUGONES, María. 2014. “Rumo a um feminismo decolonial”. *Estudos Feministas*, 22 (3): 935-952. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em 10 dez 2020.
- LUNDSTROM, Markus e LUNDSTROM, Thomas. 2020. “Podcast ethnography”. *International Journal of Social Research Methodology*, 24(3): 289-299. Disponível via:  
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13645579.2020.1778221>. Acesso em 23 abril 2021.
- MAGALHÃES, Milena da Silva. 2021. *"Falando sobre vida renal": cronicidade, subjetividade e legitimação em um podcast de saúde*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- MILLER, Daniel e HORST, Heather. 2012. *Digital Anthropology*. London/New York: Berg.
- MILLER, Daniel e SLATER, Don. 2004. “Etnografia on e off-line: cybercafés em Trinidad”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 10(21): 41-65.
- MOURA, Adelina e CARVALHO, Ana Amélia. 2006. “Podcast: potencialidades na educação”. *Prisma.com: Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação*, 3(1): 88-

110. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2112/1945>. Acesso em 21 abr 2021.
- NADLER, Robby. 2020. “Understanding ‘Zoom fatigue’: Theorizing spatial dynamics as third skins in computer-mediated communication”. *Computers and Composition*, 58. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S8755461520300748>. Acesso em 24 abril 2021.
- NOBLE, Safiya. 2018. *Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism*. New York: New York University Press.
- O’NEIL, Cathy. 2020. *Algoritmos de destruição em massa*. Santo André: Editora Rua do Sabão.
- PARISER, Eli. 2011. *The Filter Bubble. What the Internet is Hiding From You*. New York: Penguin Press.
- PARREIRAS, Carolina. 2008. *Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2008. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/278990/1/Silva\\_CarolinaParreiras\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/278990/1/Silva_CarolinaParreiras_M.pdf). Acesso em 03 jul. 2021.
- \_\_\_\_\_. 2015. *Altporn, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/281206/1/Parreiras\\_Carolina\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/281206/1/Parreiras_Carolina_D.pdf). Acesso em 03 jul. 2021.
- \_\_\_\_\_. 2017. “Pornografias.com: as convenções do altporn”. *Revista Antropolítica*, 42. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41883>. Acesso em 03 jul. 2021.
- PARREIRAS, Carolina e MACEDO, Renata M. 2020. “Desigualdades digitais e educação: breves inquietações pandêmicas”. In: GROSSI, M. e TONIOL, R. *Cientistas Sociais e o Coronavírus*. São Paulo: ANPOCS.
- PARREIRAS, Carolina e VALENTE, Juliana. 2020. “COVID-19, academia, and production of knowledge in times of digital platforms”. In: *Raising Our Voices*, Online.

- Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=HxiinzGf-ss>. Acesso em 14 jul 2021.
- PINHEIRO, Patrícia; FREITAS, Camilla Iumatti; MAUX, Anatil; SACCO, Stephanie; MACHADO, Glauco Fernandes. 2020. “Desconfinando ideias: reflexões sobre mídias digitais e a circulação do conhecimento antropológico a partir do podcast”. *Cadernos de Campo*, 29(2): 1–21. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/175301>. Acesso em 25 abr 2021.
- PRECIADO, Paul. 2020. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- RAMOS, Jair de Souza e FREITAS, Eliane Tânia. 2017. “Etnografia digital”. *Antropolítica*, 42(1): 8-15. Disponível em:  
<https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41882/pdf>. Acesso em 24 abr 2021.
- RITZER, George e JURGENSON, Nathan. 2010 “Production, consumption, prosumption. The nature of capitalism in the age of digital ‘prosumer’”. *Journal of Consumer Culture*, 10(1): 13-36. Disponível em:  
<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1469540509354673>. Acesso em 24 abr 2021.
- SPINELLI, Martin e DANN, Lance. 2019. *Podcasting: The Audio Media Revolution*. Bloomsbury Academic: London.
- SPIVAK, Gayatri. 2014. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- TAUSSIG, Michael. 2020. “Tom, o naturalista”. *Conferência na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=KvuqFGwe4bI&t=431s>. Acesso em 26 abr 2021.
- TURNER, Graeme. 2010. *Ordinary People and the Media: The Demotic Turn*. London: SAGE.
- ZUBOFF, Shoshana. 2020. *A era do capitalismo de vigilância*. Rio de Janeiro: Intrínseca.

Enviado: 27 de abril de 2021  
 Aceito: 01 de julho de 2021